

Segredos da aprendizagem rápida

Carlos Moura

Especialistas explicam o método de ensino que ajuda crianças com história de fracasso escolar a apresentar melhor rendimento

A repetência e a enorme defasagem entre a idade das crianças e a série que deveriam estar cursando têm sido apontados como os dois bichos-papões do sistema educacional brasileiro. Por outro lado, o único remédio apresentado até agora pelo governo e especialistas tem sido a aceleração de aprendizagem. Mas qual é o segredo desse sistema que pega alunos com uma longa história de repetência e dificuldade escolar e, em pouco tempo, faz com que aprendam o suficiente até para pular séries?

As respostas variam. Segundo Aricélia Ribeiro, do Grupo de Trabalho que criou o método de aceleração utilizado pela Fundação Educacional do Distrito Federal, a diferença está no enfoque. "Não se pode ensinar um adolescente de quinze anos como se tivesse sete", argumenta.

Somente no Distrito Federal existem 25 mil alunos com idade entre 9 e 15 anos na 1ª série, que não foram sequer alfabetizados. Para prender a atenção desses adolescentes e fazer com que aprendam, as turmas de aceleração aproveitam as experiências individuais e ensinam por meio de temas interessantes para cada faixa etária.

"Todos os alunos dessas turmas são muito maduros, a maioria trabalha e traz conhecimentos que a escola não aproveita", explica Aricélia. Namoro, sexo, drogas, violência, Aids, gangues, trabalho — tudo isso entra nas discussões e é utilizado para desenvolver a intimidade dos alunos com o alfabeto e a matemática.

POLÍTICA

Rosa Pessina, diretora do Centro Tecnológico de Brasília (Ceteb) — que prepara o material didático e acompanha o andamento do programa de aceleração do Instituto Ayrton Senna, em 15 municípios — dá outras explicações. "O sistema funciona porque existe um compromisso político de cada prefeito com seu sucesso", analisa. Para receber a ajuda do Instituto, o município precisa demonstrar um interesse comprovado em melhorar a educação oferecida por sua rede.

Todos os 3500 alunos que participam do *Acelera Brasil* passarão de ano em dezembro, segundo levan-

tamento preliminar da Fundação Carlos Chagas — que monitora o desempenho das crianças. Outro detalhe interessante: os professores, mesmo sem ganhar mais, têm muito interesse em participar do programa.

"Ao contrário do que acontece na maioria dos casos, o professor das turmas de aceleração recebe orientação e assistência constante. Isso faz com que se sinta valorizado", diz Margaret Goldemberg, supervisora de projetos do Instituto Ayrton Senna, para esclarecer o fenômeno.

Independente das razões apontadas para o sucesso da aceleração, os educadores concordam em um ponto. O processo de aprendizagem desses alunos, geralmente estigmatizados pela comunidade escolar, começa pela recuperação de sua auto-estima.

"Até agora os professores e o sistema educacional se acostumaram a culpar o aluno por tudo que dá errado na educação", raciocina Margaret Goldemberg. Com isso, o aluno repetente ou "velho demais para a turma" acaba desenvolvendo um bloqueio, como se fosse incapaz de aprender.

EXEMPLO

Abigail Batista, 15 anos; Wanderley Barbosa, 12 anos; e Juberlan Silva, 10 anos, são alunos de uma das cinco turmas de aceleração de aprendizagem da Escola Classe nº 3 da Ceilândia. Abigail e Wanderley trabalham depois da aula para ajudar na despesa da casa. Ela cuida de duas meninas pequenas e ele vende calçados na banca da família na feira da Ceilândia.

Abigail repetiu a 2ª série e lembra que não conseguia aprender nada. Juberlan e Wanderley começaram a estudar com quase 10 anos e ainda não tinham sido alfabetizados quando entraram nas chamadas classes de reintegração. O que mudou na nova sala? "A professora", respondem, quase ao mesmo tempo.

Nelma Fontana, 19 anos — professora de Abigail, Wanderley, Juberlan e mais 22 crianças — optou por trabalhar somente com turmas de aceleração. Sem ganhar mais, ela enfrenta uma rotina mais pesada. Além do período de aulas ser aumentado em uma hora, ela dedi-



Juberlan, Abigail e Wanderley estão satisfeitos com a nova forma de ensino: "O que mudou foi a professora"

ca obrigatoriamente seis horas semanais aos cursos de capacitação oferecidos pela Fundação aos professores da aceleração. As oito horas restantes são investidas no planejamento das aulas.

Mas a professora não aceita os louros da melhoria do aprendizado. "O mérito é todo dos alunos, eles estudam por conta própria e pou-

cas famílias participam", garante Nelma. Os meninos confirmam a observação. "Na minha casa ninguém vigia se faço dever ou venho à aula", diz Wanderley.

Apesar de todo o otimismo com os resultados da aceleração, Nelma tem algumas queixas. Segundo ela, a carência financeira e emocional das crianças dificulta muito o pro-

cesso e não pode ser ignorada. "Quem passa fome, é vítima de violência ou abandono por parte dos pais, e não pode render como os outros", frisa.

Por falta de recursos específicos da Fundação para compra de lápis e caderno, os alunos e a professora tiram dinheiro do bolso para conseguir o material escolar.